



OLHARES ATENTOS: A APRECIÇÃO EM DANÇA PELA LENTES INFANTIS

ATTENTIVE LOOKS: APPRECIATION IN DANCE THROUGH CHILDREN'S LENSES

Fernanda de Souza Almeida ¹

Universidade Federal de Goiás

Marinna da Silva Matos ²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Por lentes que se afinam com os ritmos e linguagens particulares de crianças pequenas, a partir de como o que elas veem, reverberam em seus corpos, foi que essa pesquisa se construiu. Através de um olhar atento para espectadoras infantis na dança, questionou-se como se expressam e o que manifestam nessa posição de contemplação? Os dados foram produzidos em pesquisa de campo etnográfica, dialogados à luz dos Estudos Sociais da Infância, na interface com as Artes, com anotações que descreveram as manifestações gestuais, verbais e as interações entre os pares, das crianças espectadoras. As observações participantes focadas nos sujeitos de 01 a 05 anos, aconteceram durante a circulação do espetáculo “Puxa-Puxa”, em três Centros Municipais de Educação Infantil, nas cidades de Goiânia, Goianira e Santo Antônio de Goiás (GO), além da pré-estreia na Escola Centro-Oeste e do encerramento no Teatro Zabriskie. Desse modo, esta pesquisa permitiu acessar as experiências estéticas vividas, compreendendo as reverberações que a arte provoca nos corpos e imaginários infantis. As crianças se levantaram, pularam, ficaram de cócoras, apontaram, bateram palmas e olharam para as muitas direções que despertaram suas curiosidades. Isso indicou que a forma como assistem é diferente da do adulto; sem certo ou errado. Com isso, foi possível afirmar tanto a capacidade de apreciação estética imersiva das crianças, como visibilizar o lugar delas como espectadoras ativas, somada à importância das experiências estéticas em ambientes educacionais, na formação dos sujeitos. Reconhecer e valorizar esse olhar da infância é um gesto político, pedagógico e poético.

Palavras-chave: Dança; criança espectadora; experiência estética nas infâncias; Educação Infantil.

Abstract: Through lenses that adjust to the rhythms and particular languages of young children, based on how what they see resonates in their bodies, this research was constructed. Through a careful look at child spectators in dance, it questioned how they express themselves and what they manifest in this position of contemplation. The data was produced in ethnographic field research, dialogued in light of Childhood Social Studies, at the interface with

¹ Doutora em Educação (FEUSP) e mestre em Arte Educação (IA- Unesp). Docente do Programa de Pós Graduação em Artes da Cena e da Licenciatura em Dança, ambos na Universidade Federal de Goiás (UFG, Goiânia/GO). Lidera o Grupo de Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infâncias (GPDAEI/CNPq) e coordena o programa de extensão Dançarelado. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9367074002146085> ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6628-4283>

² Discente do curso de Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG) integrante do Grupo de Pesquisa em Dança: Arte, Educação e Infâncias (GPDAEI/CNPq) e do Grupo de Pesquisa em Memória e História da Dança (MEHDA/ CNPq). Bolsista do Programa de Iniciação Científica UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0339181638896827> ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-4696-8070>



the Arts, with notes that described the gestural and verbal manifestations and the interactions among peers of the child spectators. The participant observations focused on subjects aged 1 to 5 years, took place during the circulation of the show 'Puxa-Puxa' at three Municipal Early Childhood Education Centers in the cities of Goiânia, Goianira, and Santo Antônio de Goiás (GO), as well as the pre-premiere at the Centro-Oeste School and the closing event at the Zabriskie Theater. Through lenses that adjust to the rhythms and particular languages of young children, based on how what they see resonates in their bodies, this research was constructed. Through a careful look at child spectators in dance, it questioned how they express themselves and what they manifest in this position of contemplation. The data was produced in ethnographic field research, dialogued in light of Childhood Social Studies, at the interface with the Arts, with notes that described the gestural and verbal manifestations and the interactions among peers of the child spectators. The participant observations focused on subjects aged 1 to 5 years, took place during the circulation of the show 'Puxa-Puxa' at three Municipal Early Childhood Education Centers in the cities of Goiânia, Goianira, and Santo Antônio de Goiás (GO), as well as the pre-premiere at the Centro-Oeste School and the closing event at the Zabriskie Theater.

Keywords: Dance; child spectator; aesthetic experience in childhood; Early Childhood Education.

1 PELO BINÓCULO DA DANÇA

O evento “I Festival Dançarelando: conversas cênicas entre grandes e pequenos”, ocorrido em dezembro de 2023, no Teatro LACENA da Escola de Música e Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás (Goiânia/GO), sob coordenação da primeira autora desse texto, consistiu na apresentação de um espetáculo de dança, com crianças-artistas, entre 04 e 11 anos de idade, para um público adulto, somado a dois grupos com elenco adulto, um de teatro e outro de dança, que se apresentaram para as crianças.

Ao nos deparar com as intensidade das expressões corporais e verbais da criançada e com olhos vívidos e interessados, não só pelos artistas, mas pela mudança da iluminação, pelos elementos do cenário e por outras pessoas que estavam ali, também, na qualidade de público; nasceu nossa inquietação por investigar as crianças espectadoras na dança.

Que essa gente de pouca idade é capaz de vivenciar a apreciação estética, de um determinado espetáculo ou acontecimento artístico em um espaço e um tempo específicos, compreendendo metáforas, ações poéticas e subjetivas, Tais Ferreira (2012) e Patrícia Prado (2017, 2019), já nos afirmaram.



E quando tais espetáculos não pecam pelo excesso de informações, cores e didatismo, favorecendo a proliferação de percepções e não tolindo as possibilidades de elaborar sensações e sentidos por essa gente de pouca idade, as crianças podem se envolver profundamente com a obra (Ferreira, 2012).

Ainda assim, restou o questionamento sobre como se expressam, o que manifestam e quais são seus comportamentos na posição de espectadoras? Será que são semelhantes a de um adulto? Soma-se a isso uma reflexão sobre a importância das experiências estéticas em dança, na educação da primeira infância. Tais indagações se fazem relevantes uma vez que há uma escassez desse tipo de produção do conhecimento no campo da Dança.

Em uma busca pelo Google Scholar, pelas palavras-chaves “Dança e a criança espectadora”, somente o texto de Rodrigues e Lessa (2021) foi encontrado. Os demais trabalhos relacionados ao espectador infantil estão direcionados ao teatro (Ferreira, 2005; 2012; Desgranges, 2020) e a performance (Prado, 2017; 2019). Segundo Rodrigues e Lessa (2021, p.34) é “relevante fomentar a discussão sobre produções artísticas de dança que trazem o foco para o público infantil e como esse tipo de ação pode contribuir para a formação de espectadores de dança”.

Dessa maneira, a presente pesquisa pode contribuir com artistas que planejam produzir ou já produzem para o público infantil, pois suas obras terão mais potência de dialogar com os interesses das crianças, expandindo a qualidade e reduzindo o mero didatismo e simplismo que ronda as produções cênicas para os pequenos (Carneiro, 2003). Além do mais, pode, também, impulsionar a valorização da arte, da apreciação estética e da presença da dança em âmbito educacional formal, ao alcançar docentes em formação inicial e continuada.

A partir do contexto apresentado, esta pesquisa teve, então, como objetivo descrever os comportamentos e manifestações gestuais e verbais de crianças entre 01 e 05 anos de idade, na situação de espectadoras de uma apresentação de dança com artistas mirins, intérpretes-criadoras, almejando verificar como esses seres de pouca idade apreciam Dança.

Para alcançar o objetivo estabelecido, foi realizada uma pesquisa qualitativa com carácter de etnografia da prática escolar (André, 2018), por meio de observação



participante. Esta abordagem permitiu uma investigação imersiva e detalhada das experiências, perspectivas e práticas do público infantil; essencial para compreender os contextos culturais, históricos e individuais que influenciam a produção de dança por e para crianças, e seus desdobramentos em âmbito da educação formal.

Para orientar o olhar investigativo, foi elaborado um roteiro pré-estruturado com aspectos principais a serem observados/descritos, tais como as gesticulações, as verbalizações e as interações entre os pares.

Ao nos valer dos princípios da etnografia em pesquisas com crianças foi possível nos aproximar das práticas culturais, modos de agir e as produções em pares das crianças espectadoras, fornecendo noções valiosas sobre a complexidade das culturas infantis (Corsaro, 2009). Como sugere Santos e Silva (2020), a etnografia conforma-se como a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo e, desse modo, seu objetivo principal consiste em compreender um outro modo de vida, apreendido, porém, de um ponto de vista mais próximo possível ao dos participantes: o ponto de vista da garotada, ao assistirem espetáculos de dança infantil.

Ao pesquisar com crianças é necessário manter a integridade daquilo que elas expressam em suas múltiplas linguagens. A partir do momento que realizamos uma alteração naquilo que é considerado gramaticalmente correto e adequado ao meio acadêmico, além de ferir a pesquisa, deixamos de valorizá-las enquanto sujeitos capazes de se expressarem, participarem, opinarem e construírem conhecimentos sobre si e o meio onde vivem (Almeida, 2023). Este cuidado ético, é um posicionamento político, no qual tratamos uma investigação com as infâncias (Both; Bissoli; Oliveira, 2019).

No contexto da pesquisa acadêmica, há uma crescente valorização da importância de conhecer as crianças por elas mesmas entendendo que são participantes ativas e agentes de seu próprio conhecimento (Machado; Carvalho, 2020). Sobre isso, as autoras Faria, Demartini e Prado (2009) frisam a necessidade de olhar mais atentamente para as manifestações e saberes produzidos por essa gente de pequeno porte, assumindo-os como saberes relevantes e autênticos. Possibilitar que as crianças expressem suas experiências, perspectivas e opiniões



não apenas enriquece os dados produzidos, como também promove uma abordagem mais ética, inclusiva e decolonial à pesquisa.

Ressalta-se que essa pesquisa foi integrada ao projeto Puxa-Puxa, aprovado pela Lei de Incentivo à Cultura Paulo Gustavo nº 17/2023, promovida pela Secretaria de Estado da Cultura. A companhia de dança que circulou foi a “Corpo Criativo”, composta por 11 bailarinas, todas meninas de 07 a 11 anos de idade, intérpretes e co-criadoras do espetáculo. A circulação acompanhada se deu em 03 Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) nas cidades de Goiânia, Goianira e Santo Antônio de Goiás, além da pré-estreia na Escola Centro-Oeste e do encerramento no Teatro Zabriskie (Goiânia/GO).

O tema da apresentação de dança foi inspirado nos Detetives do Prédio Azul (D.P.A), uma série que conquistou grande visibilidade entre o público infantil e infantojuvenil. A narrativa é centrada em três amigos que embarcam em aventuras repletas de mistérios e na resolução de casos, transformando o cotidiano de um prédio antigo em experiências de coragem, amizade e companheirismo. Esses detetives buscam solucionar enigmas que ocorrem dentro do prédio, geralmente envolvendo feiticeiras, vilões e a própria síndica do condomínio, figura de autoridade que eles acreditam ser uma bruxa. A trama se desenvolve a partir dessas situações, equilibrando fantasia e cotidiano (Patriota, 2025).

A partir desse processo, as crianças-artistas da Cia Corpo Criativo, co-criadoras da apresentação, elaboraram a seguinte trama: a história começa com crianças do mundo real que, entediadas, decidem assistir televisão. Ao ligar o aparelho, está sendo transmitido o programa Detetives do Prédio Azul. Os detetives, então, têm a ideia de convidar as crianças para entrarem no universo da televisão. Uma vez dentro do mundo dos desenhos, surge Berenice, a bruxa, que rouba a TV. As detetives são convocados para resolver a situação e, ao confrontarem a vilã, ela lança um feitiço que transforma algumas crianças em bruxas. As protagonistas, partem em busca de Berenice e, ao encontrá-la, decidem resolver o conflito em um duelo. Esse duelo acontece de várias formas: canto, dança, luta de almofadas e, por fim, de espadas. Derrotada e arrependida, pede perdão, promete não ser má novamente, desfaz a transformação das crianças e devolve o aparelho. As



protagonistas aceitam suas desculpas e, a própria bruxa decide converter-se uma detetive também. Assim, a televisão é restituída e a garotada retorna ao mundo real.

O público-alvo dessa ação foram crianças, entre 01 e 05 anos, matriculadas nos CMEIs mencionados, que não têm contato constante com apresentações artísticas e pertencem a uma posição socioeconômica menos favorecida. Ali estavam, também, a equipe gestora, docente e auxiliares, bem como a comunidade educativa composta por familiares, responsáveis e amigos das crianças matriculadas.

Os instrumentos utilizados para a produção de dados foram o caderno de campo e gravações em vídeo de imagem e voz. As anotações do caderno de campo formaram uma fonte rica de dados para análise posterior, contribuindo para desenvolver interpretações mais profundas, corroborando com Rose, Gerhardt e Souza (2006).

O material produzido foi organizado com base nas categorias elencadas anteriormente: as gesticulações, verbalizações e interações entre os pares; na relação com as cenas do espetáculo “Puxa-Puxa”. As informações encontradas foram refletidas em diálogo com os autores dos estudos Sociais da Infância na interface com a Arte e a Dança, almejando gerar percepções significativas sobre o fenômeno em estudo, as quais serão comentadas na sequência.

Por fim, frisamos o resguardo, da pesquisa, pelo Comitê de Ética (CEP/UFG) sob o número CAAE 75952523.1.0000.5083, com a anuência da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, por meio da Superintendência Pedagógica – Gerência de Educação Infantil.

2 LUPA INVESTIGATÓRIA

Antes do início de cada apresentação, costumávamos realizar um mapeamento do espaço, tentando prever onde as crianças se acomodariam, definindo, a partir disso, qual local seria o mais adequado para realizar as observações. No CMEI da cidade de Santo Antônio de Goiás, por exemplo, optamos, inicialmente, por sentar de frente para o palco, no corredor, em uma fileira de cadeiras em que algumas crianças já se encontravam acomodadas. Logo, uma menina de 04 anos, nos abordou com



curiosidade: “Oi, tia. O que é isso? Por que você tá escrevendo?”.

Esta interação remete ao que André (2018) discute sobre a observação participante: quando estamos em campo, não apenas observamos, mas somos sensibilizados e afetamos as pessoas ao nosso redor. A nossa presença era sempre muito notada, especialmente pelas crianças. Havia um movimento em torno da nossa atividade ali, perguntas, olhares e tentativas de entender o que fazíamos. Até mesmo as mudanças de lugar ou de posição do corpo (sentada, em pé ou de cócoras) chamavam atenção. A presença de um adulto que “não estava ali antes”, provocava muitas reações.

A esse respeito, Prado (2017) comenta sua experiência com crianças espectadoras de uma performance em praça pública:

(...) nenhum olhar infantil escapou de nós. Ao contrário das/os adultas/os, a maioria das crianças presentes nestes espaços envolveu-se de alguma forma conosco e com a proposta, contemplando e observando de longe, de perto, movimentando-se, compondo gestos, correndo, dependurando-se nos bancos e gradis da praça, gritando, girando, pulando, deitando-se no chão, rolando, rindo, conversando (Prado, 2019, p.10).

Isso evidencia o quão imersas e corpóreas são as crianças, seja como espectadoras, na espera do dentista, caminhando na rua ou em sala de aula. Essas são umas das muitas particularidades que as diferem dos adultos. Além do mais, a observação participante é permeada por trocas e por um certo envolvimento inevitável. E mais do que isso: nos faz pensar em como esses deslocamentos e presenças podem, também, interferir nas formas como as crianças vivenciam a experiência do espetáculo.

No campo da dança, para Dantas (2020), a experiência do espectador pode ser compreendida pela ideia de contiguidade, entendida como aquilo que “toca junto”, no contato, na proximidade e que, na filosofia, corresponde ao princípio da associação de ideias. Ao observar um espetáculo, a criança não assiste de forma neutra: ela mobiliza seu repertório de vivências construído no convívio com colegas, professores, familiares e entorno. Nesse sentido, acontece a fruição estética (Dantas, 2020) que emerge do encontro entre a obra e esse universo vivido, produzindo aproximações singulares que permitem à criança projetar-se no que vê e elaborar sentidos próprios



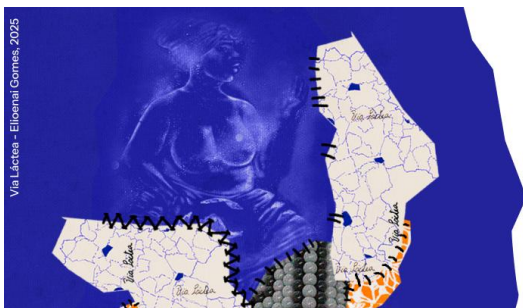
para o que acontece em cena. Essa dimensão revela que a recepção não é passiva, mas um espaço de criação compartilhada, na qual a dança se realiza, também, no olhar e na sensibilidade da criança- espectadora.

Dialogando com Ferreira (2012) sobre a individualidade do espectador, é possível perceber como cada criança vivenciou o ato de assistir de forma única, marcada por suas experiências, contextos e pertencimentos. O público infantil do CMEI de Santo Antônio se relacionou com o espetáculo de forma diferente das crianças da Escola Centro-Oeste, e ambas se diferenciam, ainda, das experiências vividas no Teatro Zabriskie. Na cena em que a bruxa aparece pela primeira vez, por exemplo, uma criança no CMEI Tempo de Infância ficou interessada no porquê de a bruxa ter dois chapéus; já no CMEI de Santo Antônio, houve maior demonstração de medo.

Tais diferenças não são apenas geográficas, mas revelam como cada criança é atravessada por seu contexto social, cultural e afetivo. Cada uma carrega suas próprias vivências, e isso influencia diretamente na maneira como responde à experiência estética. Assim, o ato de ser espectador, não é algo homogêneo ou passivo, mas sim ativo e subjetivo. A criança espectadora reage, interpreta e sente a partir daquilo que ela é.

Ao longo do espetáculo pesquisado, as gesticulações que se evidenciaram foram de inclinação do corpo para frente, colocação das mãos no rosto, na boca ou tapando as orelhas, ações de apontar, bater palmas, acenar para as artistas, olhar para as professoras da escola, chacoalhar as pernas e bater os pés. Em especial, em todas as aparições da bruxa, as corporalidades se intensificaram coçando os cabelos, mexendo nas orelhas, ficando em pé, olhando para trás e arregalando os olhos. Já na cena em que a bruxa transforma as artistas em animais, as crianças espectadoras imitaram o sapo, o cachorro e o coelho, tal qual ocorria na apresentação.

Em relação às verbalizações, as interjeições mais escutadas foram: eita, olha, shhiii, nossa, uau, eu quero dançar, a bruxa, ela é a bruxa, né?, tá maluca, tô com medo, que susto, por que elas estão brigando?, é de mentirinha (explicando a outra criança) e gritos. As crianças falam sozinhas, entre elas e com as professoras. Entretanto, verbalizavam mais enfaticamente, novamente, na presença da bruxa.



Já sobre a interação entre os pares, além das conversas acima mencionadas, houve os cochichos, uns tirando dúvidas com os outros, brincavam de imitar algum personagem ou cena e deitavam a cabeça no ombro do amigo.

As percepções identificadas em cada uma das categorias revelam as formas relacionais de vivenciar as situações pelas crianças. Não só como espectadoras, mas como filhas, estudantes e amigas; trazendo à tona, mais uma vez, umas das peculiaridades das infâncias que as diferem dos adultos: a esfuziante corporalidade.

“ - Tia eu quero dançar” essa foi a fala de uma menina direcionada à professora, que revela e afirma a capacidade desses pequenos de se conectarem com a apresentação ou de questionarem, como fez outra criança que disse “ - tia o que elas tão fazendo?”. Apontar para sinalizar uma cena que chamou a atenção “oa á, oa á”, tocar no amigo e conversar, ou virar para a professora e procurar cuidado e explicações quando são afetados comentando estar com medo, são os caminhos que elas trilham, vinculando suas vivências com a dança assistida.

Buscamos, portanto, com tais apontamentos mostrar exemplos reais das maneiras específicas de fruição da meninada, assim como o território do conhecimento que elas constroem entre si e nos ensinam enquanto adultos. Sobre isso, nossas percepções se aproximaram com as de Prado (2019) sobre as crianças durante a performance:

(...) perguntando e respondendo, ficando em silêncio, recolhendo pedrinhas, papéis, soprando folhas, compondo instalações com elas no chão, brincando de diversas maneiras, ocupando e compartilhando conosco momentos de criação brincante, exibindo seus enigmas (LARROSA, 1998), suas teatralidades e constatando que também são performers (MACHADO, 2010 e 2011; SOUZA, 2017). Mais do que isso, as crianças pareciam compreender os sentidos propostos e ainda propor novos imediatamente, entrando nas brincadeiras e as transformando em outras, revelando expressões e manifestações culturais próprias dos grupos infantis (FERNANDES, 1979; PERROTTI, 1982; SAYÃO, 2008), as culturas infantis inscritas nos encontros e experiências estéticas, de corpos inteiros (PRADO, 2015 e 2016), de ludicidade e poeticidade (BACHELARD, 1988 e 1994), na diversidade de classe social, etnia, gênero, idade, geração... Algumas crianças aproximavam-se lentamente, observavam e outras se lançavam aos vazios, compartilhando-os conosco e com a cidade, nos propondo mais enfrentamentos silenciosos, ou não (Prado, 2019, p.11).

Ao sistematizar as informações produzidas notamos o quanto nos foram, essencialmente, desveladas pelas gestualidades e expressões faciais. Nesse sentido,



as ações das crianças se mostraram extremamente ricas, especialmente, porque são seres com uma exímia habilidade multilingueira (Almeida, 2023). Nelas, a palavra, a fala e o texto, se encontram no subtexto das expressões corporais, se colocando mais livre das convenções adultas de comunicação.

Destacamos, também, as situações em que as crianças buscavam constantemente o olhar das professoras como forma de confirmar, compreender, acolher ou validar o que viam. Ações e reações que mostram as relações estabelecidas entre os adultos no que tange confiança, carinho, temor, poder ou parceria. Todavia, muitas vezes nós, adultos, cansados, interpretamos tais inquietações como falta de atenção ou desejo apenas de “brincar”, como se o brincar fosse algo incorreto e improdutivo. Nisso, os adultos acabam por conduzir os olhares das crianças, apontando, reclamando ou desviando a escuta.

3 MICROSCÓPIO DOS ESPECTADORES

Com a presente pesquisa buscamos evidenciar como as crianças espectadoras são ativas, sensíveis e criativas na forma como fruem o que assistem. Elas se levantam, pulam, se movimentam para frente, ficam na posição de cócoras, apontam, batem palma, olham para outros lugares que despertam a sua curiosidade. Isso não significa que não estejam prestando atenção; pelo contrário, indica que a forma como assistem é diferente da do adulto; não melhor, nem pior; sem certo ou errado; apenas outra maneira. Sim, as crianças são capazes de apreciar esteticamente um espetáculo de dança, corroborando, uma vez mais, com os estudos de Prado (2017; 2019).

Desta maneira, guiada por lentes sensíveis e aproximativas, nos permitimos olhar de perto as experiências estéticas vividas por crianças pequenas diante de um espetáculo de dança feito por e para elas. Foi possível não apenas registrar gestos e falas, mas sentir junto, vivenciar e compreender as reverberações que a arte provoca nos corpos e nos imaginários infantis.

Iniciativas como essas contribuem com a consolidação da concepção de crianças como protagonistas e produtoras de culturas (Faria; Demartini; Prado, 2009), reafirmando a complexidade das infâncias como experiências individuais e sociais



singulares (Prado, 2017). Abrir um espaço de escuta sensível para as infâncias, constitui um lugar de aprendizados múltiplos, de riqueza e de trocas constantes, em que são despontados os movimentos, as gestualidades, brincadeiras, invenções, ousadia e diferentes formas de expressões e manifestações culturais de meninos e meninas pequenas no encontro com seus professoras/es, pesquisadoras/es e artistas (Prado, 2017).

Assim, esta pesquisa não apenas visibiliza e reafirma o lugar da criança como espectadora ativa, mas também confirma a importância das experiências estéticas na formação dos sujeitos, especialmente em âmbito da educação formal. Nesse sentido, como destacam Machado e Carvalho (2020), tratar as crianças como crianças não significa reproduzir as formas convencionais e limitadas com que os adultos frequentemente as tratam, mas sim, assumir uma postura de zelo e respeito, reconhecendo particularidades como sujeitos de experiência. Reconhecer e valorizar esse olhar da infância é um gesto político, pedagógico e poético.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda de Souza. *Costuras a muitos corpos para dançar na Educação Infantil: formação inicial docente e estágio supervisionado em Dança*. 2023. 235 pag. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

ANDRÉ, Marli Eliza. *Etnografia da prática escolar*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2018. 128p.

BOTH, Ilaine Inês; BISSOLI, Michelle de Freitas; OLIVEIRA, Márcio de. Pesquisa com crianças: algumas reflexões sobre a educação infantil a partir de entrevistas com crianças pré-escolares em Manaus-AM. *Revista Humanidades e Inovação*, v.7, n.28, 2020.

CARNEIRO NETO, Dib. Um círculo vicioso. Os dez pecados. In: *Pecinha é a vovozinha!* São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003, p.6-19.

CORSARO, William. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DANTAS, Mônica Fagundes. Apontamentos para uma prática do olhar em dança: inscrevendo a obra no corpo do espectador. Simpósio International Brecht Society. 14°. 2013. Porto Alegre: UFRGS. *Anais do Simpósio da International Brecht Society*. 2013, p.1-10.



DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2020. 185 p.

FARIA, Ana Lúcia; DEMARTINI, Zeila; PRADO, Patrícia Dias. (Orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009. 153p.

FERREIRA, Taís. As- híbridas-identidades das crianças espectadoras na pós-modernidade. In: MOTTA, Natalia Rebetz; GANDUGLIA, Néstor G. (Orgs.). *El descubrimiento pendiente de América Latina: diversidad de saberes en diálogo hacia un proyecto integrador*. 1ed. Montevideo: Signo, Centro Interdisciplinario, Signo Latinoamérica, UNESCO y Universidad de la Rioja, 2005, v. 1, p. 203-206.

FERREIRA, Taís. Cinco (ou mais) perguntas sobre a criança-espectadora e quatro (incertas) respostas. Subtexto (Belo Horizonte). *Revista de Teatro do Galpão Cine Horto*, v. 8, p. 43-50, 2012.

MACHADO, Sandro; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. Notas de campo: percursos éticos e metodológicos em pesquisa com crianças na Educação Infantil. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, Salvador, v. 7, n. 28, p. 1309-1329, 2020.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales; SILVA, Isabel de Oliveira. Relações de gênero na Educação Infantil: estrutura e agência no processo de construção de sentidos sobre ser menino e ser menina. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, 2020.

PRADO, Patrícia. “Como hacen eso?” entrevistando artistas, refletindo sobre Dança e Teatro na Educação da primeira infância. In: ALMEIDA, Rogério; BECCARI, Marcos (Orgs.). *Fluxos culturais: arte, educação, comunicação e mídias*. São Paulo: FEUSP, 2017, p.371-392.

PRADO, Patrícia. Performance, educação e primeira infância: “vamos juntas a cruzar la plaza corriendo sin miedo?” Reunião Científica ABRACE, v.20, n.1, 2019, São Paulo- UNICAMP. *Anais ABRACE*. 2019. Acesso em: 27 fev. 2024.

RODRIGUES, Lidiane D., LESSA, Helena T. *Formação de Público Espectador Infantil para a Dança: Reflexões a partir do espetáculo Algodão Doce*. Revista Cena, Porto Alegre, nº 34 p. 62-72 maio/ago. 2021.

ROESE, Adriana., GERHARDT, Tatiana Engel., SOUZA, Aline Corrêa e LOPES, Lopes, Marta Julia Marques (2006). Diário de campo: construção e utilização em pesquisas científicas. *Online braz. j. nurs*, Curitiba, v. 5, n.3, 2006.

PATRIOTA, Renata. *O mistério que encanta, Detetives do Prédio Azul (D.P.A)*. Clube Pais & Filhos, 2025.